



CHILE / Resultados preliminares evidenciam polarização e confirmam candidatos da ultradireita e da esquerda como finalistas na corrida presidencial, que se encerra em 19 de dezembro. Começa, agora, a briga por alianças

Extremos se encaram no segundo turno

A disputa pela presidência do Chile — a primeira em mais de uma década e meia sem a presença de Sebastián Piñera nem Michele Bachelet — vai para o segundo turno, marcada por uma forte polarização. Diferentemente das votações anteriores, que atraíram poucas pessoas às urnas, ontem houve longas filas. Sob um calor de 30°C, os chilenos tinham como missão decidir pela extrema direita ou a extrema esquerda, no mais incerto cenário eleitoral desde o fim da ditadura militar, em 1990.

Até o fechamento desta edição, com mais de 80% dos votos apurados, a contagem apontava o político de ultradireita José Antonio Kast à frente, com 28,15%, seguido pelo deputado da extrema esquerda Gabriel Boric (25,32%). Surpreendentemente, o economista Franco Parisi, que fez toda a campanha desde os EUA e não foi ao Chile nem para votar, aparecia em terceiro lugar, superando candidatos mais moderados e que estavam à sua frente nas pesquisas. Desde 5 de novembro, por determinação legal, não se divulgavam dados sobre intenção de votos.

Com nenhum candidato obtendo uma votação expressiva, Kast e Boric terão de buscar alianças com os partidos de direita, centro e esquerda, que também disputaram o eleitorado ontem, nas votações para a Câmara e parte do Senado. Segundo a imprensa chilena, a esquerda pode sair fortalecida no Congresso, tornando-se um importante alvo para as coligações do segundo turno, a ser realizada em 19 de dezembro.

Primeiro a admitir a derrota, Sebastián Sichel, candidato de Piñera, sinalizou um possível apoio a Kast. Citado pelo site do jornal *El País*, o liberal afirmou que não tem diálogo com Boric e que, apesar de “divergências pragmáticas” com Kast, estava “disposto a falar” com o ultradireitista. Por sua vez, Yasna Provost, de centro-esquerda, poderá se juntar à coligação de Boric,

mas, até o fechamento desta edição, não havia se manifestado a respeito.

Mudanças

Na eleição presidencial, está em jogo uma mudança no modelo econômico e político, que levou estabilidade e prosperidade econômica ao país, mas também aumentou a desigualdade social, contra a qual milhões de chilenos se manifestaram nos maciços protestos de dois anos atrás. Boric, 35 anos, propõe a mudança da economia neoliberal, enquanto Kast, ultraconservador, 55 anos, promete restaurar a ordem e a segurança, após a turbulência que eclodiu nas ruas, em 2019.

Os jovens, protagonistas do plebiscito que decidiu em outubro de 2020 por 78% dos votos mudar a Constituição herdada da ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990) — processo atualmente em curso — compareceram em grande número aos centros de votação. “É preciso votar; o país precisa de mudanças, estamos cansados dos mesmos políticos”, disse à agência France Presse o estudante Felipe Rojas, 24 anos.

“Representamos o processo de mudança e transformação que se aproxima, (mas) com certeza, com a gradação que for necessária”, frisou Boric ao votar em Punta Arenas, sua cidade natal, no extremo sul do país. “O principal (é que) muita gente possa comparecer para votar e que cada um possa se pronunciar em liberdade e votar informado”, disse Kast, que argumenta que Boric e sua aliança com o Partido Comunista trarão “caos” ao Chile.

Analistas consideram que as eleições poderão encerrar um capítulo político, pois o cenário do segundo turno diverge do tradicional. “Pode-se sustentar que são as últimas eleições do velho ciclo”, considera Raúl Elgueta, cientista político da Universidade de Santiago, lembrando que nem Boric nem Kast pertencem às coligações que vêm governando o país nos últimos 30 anos.



O esquerdista Gabriel Boric vota, confiante, em Punta Arenas



O ultraconservador Jose Antonio Kast em seção de Santiago

Na Venezuela, eleições atípicas

Em eleições marcadas pela volta da participação da oposição e de observadores internacionais, venezuelanos foram às urnas, ontem, para a escolha de governadores e prefeitos. Sem a convocação de boicotes, a aparente retomada de uma situação de maior transparência estimulou os eleitores a irem às urnas. “Vamos ter uma participação muito boa”, disse o presidente do Conselho Nacional Eleitoral, Pedro Calzadilla, destacando que todas as 30 mil seções foram instaladas, depois de “incidentes” equacionados.

Em Caracas, muitos centros de votação estavam com filas, uma imagem diferente das duas eleições anteriores — as presidenciais de 2018 e as legislativas de 2020 —, nas quais os adversários políticos do presidente Nicolás Maduro se colocaram à parte do processo e pregaram a abstenção em forma de protesto. “Sinto que, desta vez, as

peças estão decididas a votar”, disse José Rafael Hernández, opositor de 58 anos, numa seção eleitoral do abastado bairro de Chacao. “Convocar a abstenção foi o pior a fazer”, reforçou.

Os 21 milhões de eleitores escolheram 23 governadores e 335 prefeitos, além de legisladores regionais e municipais, entre mais de 70 mil candidatos. A previsão era de que os primeiros resultados comessem a ser anunciados na manhã de hoje.

Recomeço

Para analistas, as eleições podem servir como um novo começo tanto para Maduro, que busca a suspensão de sanções ao país, quanto para a oposição, que volta à via eleitoral de olho em uma disputa presidencial “transparente” em 2024.

Os adversários do regime voltaram divididos, enfra-

quecidos e sem candidaturas unitárias na maioria das regiões — especialistas concordam que o chavismo levará a maior parte dos cargos. O líder opositor Juan Guaidó, reconhecido como presidente interino da Venezuela por dezenas de países, não foi votar, segundo sua equipe, ainda que não tenha pedido abstenção.

“Não há condições para uma eleição livre e justa na Venezuela”, insistiu Guaidó, que tem em Washington seu maior aliado. “Gostaria que todos votássemos, ainda que como uma forma de protesto. É a melhor forma de demonstrar que queremos uma mudança em benefício do país”, disse o médico Daniel Rey, 25 anos, em San Cristóbal, capital de Táchira, estado fronteiriço com a Colômbia.

Nas duas últimas eleições, Maduro foi reeleito e o governo recuperou o domínio do

Parlamento. Os dois processos, envoltos em denúncias de fraude, tiveram amplo repúdio internacional, liderado pelos Estados Unidos e pela União Europeia (UE), que, após 15 anos, mandou, este ano, uma missão de 130 observadores ao país. Também foram instalados painéis de especialistas da ONU e do Centro Carter.

“Tudo transcorre tranquilamente”, disse a chefe da missão da UE, Isabel Santos. O bloco deve apresentar amanhã um relatório preliminar. Maduro alertou que os europeus não podem “dar veredito” sobre os resultados. “Não digo nada sobre estas coisas, respeito todas as autoridades venezuelanas”, ressaltou Isabel Santos. Para os analistas, a volta da UE é uma das concessões feitas por Maduro em sua busca por reverter punições, que incluem um embargo petrolífero dos Estados Unidos.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

COM HENRIQUE DELGADO

O CORAÇÃO DAS AMÉRICAS

São oito países espalhados em uma faixa de terra relativamente estreita, conectando a América do Sul e a América do Norte. Começando no Parque Nacional de Darién, ao sul, e indo até o istmo de Tehuantepec, ao norte, a América Central é um microcosmo dos desafios e oportunidades das forças do mundo globalizado, manifestadas no hemisfério ocidental.

Dentre esses oito países que a compõem, desconta-se dois por razões geográficas e históricas. Um é o caso do México, em que, tecnicamente, apenas seu extremo sul — a parte ao sul do istmo de Tehuantepec, onde ficam os estados de Chiapas, Tabasco e outros — está na América Central. A maior parte do México está na América do Norte, com o qual está ligado umbilicalmente desde o Nafta, agora chamado

USMCA. Se os EUA servem em diversos sentidos como norte para os mexicanos, boa parte dos estados americanos têm enorme influência mexicana. Muito dos EUA se parece mais com o México do que com a Europa. O outro caso é o de Belize, país que não chega a meio milhão de habitantes e foi colônia britânica até 40 anos atrás — e ainda tem a monarquia inglesa como chefe de Estado.

O núcleo da América Central está situado em seis países: Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, El Salvador, e Guatemala. Os dois primeiros, mais ao sul, são os mais bem incorporados na globalização, e os de maior renda per capita. Enquanto o Panamá é um dos principais polos logísticos do comércio mundial, a Costa Rica é a que melhor se posiciona, na região,

para usufruir dos fluxos econômicos internacionais de um modo que seja sustentável e contribua para a qualidade de vida local. O país é especializado em frutas tropicais — especialmente muita banana —, mas também está bem envolvido em cadeias globais de valor de produtos complexos e atrai turistas e aposentados.

Ao norte dali, Nicarágua, Honduras, El Salvador e Guatemala são mais conflituosos. São países que sofrem mais do que se beneficiam com as forças do mundo globalizado. A Nicarágua segue sua novela de governo por um grupo que abandonou a história emancipatória para impedir o surgimento da democracia. A FSLN derrubou uma família que governava o país como se fosse sua fazenda, mas Daniel Ortega

é caudilho familiar e também não acredita em democracia. Assim, a Nicarágua, dos Somozas aos Ortegas, segue pobre e sem direitos humanos.

Apesar das brigas com os EUA, o comércio internacional da Nicarágua depende totalmente dos 60% de suas exportações para lá. É a maior proporção de dependência dentre esses seis países. Por outro lado, os EUA, desde o ano passado, não têm mais nenhuma posição de investimento direto na Nicarágua. Se os EUA querem mesmo liderar a resistência contra o autoritarismo no mundo, precisam reformular a forma questionável com que lidam com a América Central. Inclusive com a consequente projeção que é feita para a América do Sul. Com essa ponte triste entre Nicarágua e Venezuela ligando os maus hábitos da ação e da reação.

Logo acima da Nicarágua, o chamado triângulo norte, composto por Honduras, El Salvador

e Guatemala, segue sendo nações expulsoras de pessoas, ejetadas dali por conta da alta criminalidade e da falta de oportunidade econômica decente. Um desperdício de potencial indizível e impagável, já que a Guatemala por si só — de longe a que tem a maior população da região — tem uma das culturas mais ricas e diversas do mundo. Mas, de tão maltratada, segue mais parada do que poderia. Navegando entre a fanfarronice e a hiperconectividade com todos os modismos atuais, o jovem presidente-marqueteiro de El Salvador usou a pandemia do coronavírus para benefício próprio. É caso típico dos que ainda estão na fase de se dar bem.

Daqui a uns dias vai acontecer a eleição de Honduras, com chances reais de troca de grupo no poder depois de 12 anos. O país segue governado de maneira confusa. Também outro país muito dependente, com acima de 50% de exportações para os EUA. Segurando

a fraude, voltaria daqui a uns dias a esposa de Zelaya, aquele apeado por um golpe rocambolesco em 2009. O qual foi sucedido por uma agremiação que começou flertando com ideias libertárias de um badalado e bem-intencionado economista — Paul Romer, um prêmio Nobel de economia filho de um ex-governador do Colorado — e terminou como um estado narcotraficante.

A América Central é um microcosmo dos desafios e oportunidades das forças do mundo globalizado manifestadas no hemisfério ocidental. Ali tem de tudo e todas as faces dos EUA. Da angelical à criminosa. Inclusive a que demonstra que, se os EUA têm orgulho de ter quintal, são péssimos em paisagismo e pior ainda na escolha de jardineiros.

» Caros leitores: a coluna entra de férias em dezembro e retorna em 9 de janeiro. Boas Festas para todos

PAULO DELGADO, sociólogo